

O CINEMA PARA MOSTRAR MOÇAMBIQUE

● Entrevista com Rodrigo Gonçalves

«Pintores moçambicanos» e o novo filme produzido pelo INC, que vai ser estreado em Maputo em fins de Maio. O seu realizador é o cineasta chileno Rodrigo Gonçalves, de quem há pouco tempo vimos «Acordo de Nkomati, o direito de viver em paz».

«O filme já foi enviado ao laboratório do Zimbabwe e a primeira cópia deve estar aqui dentro de 15 dias», disse o realizador. «Penso que consegui dar uma boa imagem do movimento artístico de Moçambique e ao mesmo tempo ficar de fora de todos os conflitos que pairam lá dentro e que são muitos. O que não foi nada fácil».

As filmagens iniciaram-se em Janeiro deste ano, no Núcleo de Arte, onde foi montada uma exposição de Neto, Naguib e Vítor Sousa. No Museu foram filmados quadros de Bertina Lopes e em suas casas, entrevistados também Malangatana, Mankeu, Samate, Mucavele e Chichorro.

O filme pretende mostrar o passado e o presente dos nossos artistas. Inicia-se com imagens das «Actualidades de Moçambique» dos anos 53, em que podemos ver o governador da colónia inaugurando a 1.ª exposição de arte moçambicana: «3 pintores indígenas», que eram Jacob e Elias Estêvão e Vasco Campide.

Jacob Estêvão ainda hoje é considerado o decano dos pintores moçambicanos e vive da sua arte no Xipamanine. É ele que nos fala, no início do filme, sobre as condições desumanas em que vivia e trabalhava naquela época e as dificuldades que enfrentou para poder organizar a exposição.

Saltando no tempo e utilizando sempre como pano de fundo a mû-

sica moçambicana, de norte a sul do país, Rodrigo Gonçalves termina o seu filme com grandes planos sobre a pintura colectiva: os murais do Ministério da Agricultura, os da parede do Cinema Estúdio e, finalmente, o da Praça dos Heróis.

«Penso que consegui transmitir não só o que é a pintura moçambicana, mas também mostrar a importância que a música tem na vida das pessoas. A equipa que me acompanhou e que foi a mesma com quem já tinha trabalhado antes, soube acertar o passo muito bem com essa ideia. Acho que fizemos um bom trabalho de conjunto» — disse o realizador.

CINEMA MOÇAMBICANO

Rodrigo fala-nos da sua surpresa em encontrar aqui um cinema como o nosso. «Nunca pensei que existisse este movimento, este Instituto, toda esta infra-estrutura. Penso que Moçambique tem uma cinematografia das mais ágeis e movimentadas de toda a África. É um ambiente de trabalho bom, com gente jovem — de corpo ou de espírito — interessada em fazer um cinema sério. Com muitas dificuldades, mas também com muito espírito de sacrifício. O José Cardoso, esse, acho que deve ser encarado como o pai dos vossos cineastas. E depois aqui dão-se condições aos realizadores para trabalharem, para fazerem as suas experiências. E se não têm sorte com um filme, passa-se em frente sem problemas. Isso seria impensável noutros países. Realizador que falhe, fica com o seu nome queimado para sempre».

Rodrigo Gonçalves conta que

desde que chegou a Moçambique, em 1983, já realizou 3 filmes: «Rebelião agora», filmado no Chile em 1984 e premiado em Leipzig e Taskent; «Acordo de Nkomati», em 1985, e agora «Pintores moçambicanos», concluído este mês. Todos eles tiveram o apoio financeiro da Suécia. «Para este filme enviaram 6000 dólares. Outros 6000 irão agora ser concedidos ao INC, para um trabalho sobre escultura, que deverá ser realizado brevemente com uma equipa totalmente moçambicana».

Quanto ao resto do custo do filme — 800 000 meticais, na totalidade — irá ser pago pelo INC, em moeda nacional.

«É um filme destinado a ser visto lá fora, a concorrer em festivais», informa o realizador. «É esse género de trabalhos que me interessa fazer agora. Filmes de interesse internacional, que se possam vender fora, que mostrem a realidade moçambicana às pessoas que nunca aqui estiveram».

APOIO DA SUÉCIA

Fazer cinema é tarefa arriscada, difícil e despendiosa. «Poderia fazer três filmes por ano, sem problemas, se houvesse dinheiro», disse.

Aluno do Instituto Chileno de Cinema, Rodrigo teve o seu curso interrompido pelo golpe de 1973. «Fui expulso do Instituto, eu e mais quase a totalidade dos alunos. Era uma organização governamental, tinha de ser encerrada».

E assim aconteceu o exílio. A Suécia tornou-se então o seu país de residência permanente. Mas como era impossível sobreviver pelo cinema, Rodrigo optou por uma actividade lucrativa: fez-se treinador profissional de ténis. «E as-

sim escapei ao destino comum dos outros emigrados, que lavavam pratos em restaurantes e limpavam escritórios. E como era bem pago, com 11 horas de trabalho semanal conseguia o mesmo dinheiro que um trabalhador com 8 horas diárias».

E assim pôde frequentar um curso nas Belas Artes e mais outros 2 de cinema, no Instituto Dramático Sueco. O que lhe permitiu participar num filme em homenagem a Salvador Allende, «La Nacencia», como assistente de direcção, e num documentário rodado no Chile, «Assim golpeia a represa», que ganhou um prémio em Leipzig.

«ACORDO DE NKOMATI»

Do seu trabalho para o INC, Rodrigo conta que decorre como free-lance: «tenho uma ideia, faço uma sinopsis e depois, se gostam, aprovam. Passo a receber um salário de 18 000 MT, o que é muito bom. O guião leva-me uns 3 meses, a produção uns 3 a 4. Acabo o filme e começo a pensar no próximo. Qual vai ser agora? Estou a pensar na vida de Malangatana. Tenho que descobrir onde arranjar financiamento».

Rodrigo chegou a Moçambique casado com uma sueca e, para sobreviver, nos primeiros tempos deu aulas na Escola de Ténis. Hoje dá aulas apenas a alunos particulares e dedica-se ao cinema quase a tempo inteiro.

Tem uma mágoa: o seu filme «Acordo de Nkomati» não foi bem aceite em determinados países. «Na verdade, eu acho que o que não foi entendido foi o Acordo», diz.

Conta que em 1984 Moçambique não foi convidado a participar no festival de cinema contra o «apartheid», em França, devido ao Acordo. «Fiquei revoltado e tive a ideia de fazer um filme, que explicasse porque é que esse acordo existia. E foi com o maior amor e carinho pelo povo daqui que eu fiz esse filme. Pretendi mostrar o direito do povo moçambicano a viver em paz. Se outros países maiores e mais fortes têm o direito de fazer os acordos que querem, porque é que Moçambique não terá o direito de fazer o mesmo? Além disso, penso que já nessa altura Moçambique não tinha ilusões de que o acordo iria ser respeitado. No meu filme, tentei fazer ver isto lá fora. Utilizei imagens e símbolos que toda a gente conhece — o Vietname e Pinochet —, para que se entenda que este país não é um caso isolado. O inimigo é o mesmo a financiar a guerra do Vietname, o golpe no Chile e os bandos armados de Moçambique. Todos somos vítimas da mesma estratégia. Claro que dei esta ideia de uma forma subtil, para poder ser aceite lá fora. Se usar imagens muito directas, com punhos cerra-

dos e palavras de ordem, o filme fica taxado de comunista e ninguém vai ver. E não é isso que pretendo».

FESTIVAL DE AVEIRO

O filme «Pintores moçambicanos», por não estar pronto ainda, não poderá ser projectado em Aveiro, Portugal, no Festival de Cinema que vai ter lugar de 8 a 18 de Maio.

«Não faz mal, irá em Novembro ao Rio de Janeiro, vai lá haver também um festival de Cinema. Para Aveiro, vou mandar somente o «Acordo de Nkomati». Veremos o que a crítica vai dizer desta vez. Considero este filme uma homenagem ao povo moçambicano, que tem o direito de viver em paz».

O INC participará no festival de Aveiro com mais três filmes: «O comboio da vida», de Ismael Vuvo, «Frutos da nossa colheita», de José Cardoso e «O tempo dos leopardos», a co-produção de Moçambique/Jugoslávia.

Ao mesmo tempo que decorre o Festival de Cinema, será exibida numa das salas de Aveiro uma exposição de fotografos moçambicanos. Para a montar e dirigir, deslocou-se para lá o director da Escola de Fotografia Ricardo Rangel, que também fará parte do júri do Festival.

Teresa Sá Nogueira